

Letramento midiático e a (re)invenção do cotidiano por um grupo de pescadores*

Media literacy and (re)invention of the everyday by a group of fishermen

Terezinha Fernandes Martins de Souza

Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
terezinha.ufmt@gmail.com

Dulce Márcia Cruz

Professora-pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
dulce.marcia@gmail.com

Resumo

O texto teve a intenção de problematizar as práticas de comunicação de um grupo de pescadores moradores da praia de Pântano do Sul, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, enfocando o uso de linguagens no período da pesca da tainha, as implicações da inserção de mídias na apreensão de habilidades de letramento midiático e o papel da educação no contexto da cultura da convergência. O estudo teve como base autores como Martin-Barbero, Michel de Certeau, Hannah Arendt, Roger Chartier, Nestor Garcia Canclini, Henry Jenkins e Mikhail Bakhtin. O uso de linguagens (verbal – oral e escrita – e não verbal) na comunicação realizada pelos pescadores emerge como força criadora, com traços culturais singulares da pesca veiculados pela fala, grito ou “apupo”, e por símbolos e sinais que se conservam e ao mesmo tempo acompanham mudanças e inovações, e incorporam novas habilidades das mídias digitais para exercer práticas de letramento na cultura da convergência.

Palavras-chave: Cultura da Convergência. Letramento Midiático. Linguagens. Mídias Digitais.

Abstract

This paper has the intention to discuss the communication practices of a group of fishermen, residents of the Swamp South Beach - Florianopolis - Santa Catarina - Brazil, focusing on the use of language in the period of mullet fishing, in the implications of the insertion of media in terms of the mediatic literacy skills and also in the role of education in the context of convergence culture. The study was based in authors such as Martin - Barbero, Michel de Certeau, Hannah Arendt, Roger Chartier, Nestor Garcia Canclini, Henry Jenkins and Mikhail Bakhtin. The use of language (verbal - oral and written - and non-verbal) at the communication made by fishermen emerges as creative force, with unique cultural characteristics of the fishing, conveyed by speech, call or “whoop” and by symbols and signs that preserve and at the same time follow the changes, innovations and incorporates the new skills of digital media to exercise literacy practices in convergence culture.

Key words: Communication Practices. Convergence Culture. Digital Media. Languages. Media Literacy.

Considerações iniciais: no curso das marés

O estudo teve como objetivo mapear práticas de comunicação de um grupo de pescadores, problematizando o uso de diversas linguagens no cotidiano desses sujeitos, as implicações da inserção de mídias na apreensão de habilidades de letramento midiático e o papel da educação no contexto da cultura da convergência.

A pesquisa de cunho qualitativo teve inspiração na metáfora da cartografia, para o seu desenvolvimento, e no ofício de cartógrafo, para o papel do pesquisador, ambos de Martin-Barbero (2004). Os dados de campo foram coletados com um grupo de seis pescadores moradores da praia de Pântano do Sul, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, durante o período da pesca da tainha (maio a julho de 2012), no uso de observação, conversas informais e entrevista com roteiro de perguntas abertas.

Os resultados foram organizados no texto de modo a abrigar, na primeira sessão, as noções e os sentidos que nortearam a discussão sobre o letramento midiático no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, a descrição do processo de desenvolvimento do estudo e, por fim, as práticas cotidianas de comunicação e de linguagem do grupo pesquisado, seguindo o movimento de cartografias para navegar pelas marés ou águas turbulentas do letramento midiático na chamada cultura da convergência.

Seguindo o curso das marés, no decorrer do texto, refletimos sobre o papel da educação frente às implicações decorrentes do acesso, consumo, apropriação e produção de bens culturais de comunicação, dando lugar às suas vozes locais, antes baseadas na oralidade e na linguagem não verbal e hoje também digitalizadas, mundializadas e mediatizadas por diversas mídias, técnicas e modos de difusão.

1 A (re)invenção do cotidiano: práticas de letramento midiático

[...] criar meu web site/Fazer minha home-page/Com quantos gigabytes/Se faz uma jangada/Um barco que veleje/Que veleje nesse infomar [...] Que aproveite a vazante da infomaré [...] Eu quero entrar na rede para contatar [...] (GIL, 1997)

1.1 Nas ondas do mar: velejando por noções e sentidos

A tentativa de balançarmos as margens tranquilas das águas do mar, para discutir a (re)invenção do cotidiano dos sujeitos, teve base em Certeau (1998), buscando alcançar o alto mar – das atenções – para aludir aos sentidos e às operações de comunicação e de linguagem daqueles que produzem e praticam o cotidiano como usuários-consumidores de mídias e tecnologias, relacionando práticas, objetos, lugares e estruturas de poder, e a “agentividade” desses sujeitos sociais também como produtores de cultura. Certeau (1998) situa tais operações no campo disciplinar de uma economia escriturística (antes baseada na oralidade e escrita e agora também digitalizada e mundializada) e, por conseguinte, a sua gradativa inserção nas estruturas de poder.

No decurso da cultura está presente aquilo que Arendt (2003, p. 56) trata como tradição e inovação, seja na história, na filosofia ou na política, apontando para o movimento, o devir e sua ordem cíclica, pois “[...] as distorções destrutivas da tradição foram, todas elas, provocadas por homens que haviam tido a experiência de algo novo, que tentaram quase instantaneamente superar e resolver em algo velho.”

Esses deslocamentos culturais põem em evidência pares de oposição como popular e letrado, divisão posta em dúvida por Chartier (2002, p. 55), pois geralmente “[...] o popular é definido pela sua diferença em relação a algo que não o é (a literatura erudita e letrada. . .).” Tradicionalmente concebidos como distintos de níveis culturais e intelectuais, e entendidos por Chartier (2002, p. 56) como cruzamentos que não são exteriores entre si e nem sobrepostos, “[...] mas como produtores de ‘ligas’ culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram tão solidamente incorporados uns aos outros como nas ligas metálicas[...]”, entre a cultura oral, escrita e digital, em determinado grupo e contexto.

No processo de emergência de novos espaços e combinação de artefatos de comunicação, “[...] os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 259). Para o autor, o caráter e as formas das linguagens são tão multiformes quanto os campos da atividade humana, realizadas através da enunciação ou enunciado, como “[...] o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso da cultura [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 259). Assim, se há normas sistêmicas na linguagem, tais normas não são um imperativo abstrato, mas forças criadoras da linguagem, que complexificam

constantemente a vida do discurso concreto (enunciados e gêneros discursivos – diálogo cotidiano, romance, tratado científico) no fluxo discursivo da comunicação. Para o autor, a verdadeira substância da língua é o fenômeno social da interação.

Tais processos, no contexto da cultura digital, conforme Canclini (2008), articulam uma integração ou fusão multimídia (rádio, televisão, *internet* etc.) que permite ouvir áudio, ver imagens, escrever textos, transmitir dados, tirar fotos, fazer vídeos, armazenar arquivos, comunicar-se com outras pessoas, receber notícias pelo celular. Para o autor, essas práticas reorganizam as formas de comunicação e de acesso a bens culturais, interpelando-nos a “[...] reconsiderar o que vinha sendo sustentado nos estudos sobre educação e leitura nas políticas educacionais, culturais e de comunicação.” (CANCLINI, 2008, p. 33)

Essas mudanças estão no bojo de um movimento denominado por Jenkins (2009, p. 29) como cultura da convergência, que é marcada por transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, e

[...] compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos [...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...]

No contexto da cultura da convergência, os sujeitos sociais desenvolvem práticas de letramento midiático (JENKINS, 2009) pela participação plena em situações sociais e escolares, fundamentais para unir o conhecimento que possuem ao conhecimento coletivo (ou inteligência coletiva), fontes para compartilhar, comparar, interpretar, formar conexões, expressar sentimentos, fazer circular criações na *internet*, explorar o mundo e desenvolver uma compreensão de si e da cultura à sua volta.

O autor adverte também sobre o papel da educação quanto ao direito do sujeito de participar da cultura e sob quais condições, ser letrado para as mídias (JENKINS, 2009), no sentido de não apenas consumir, mas também se expressar por meio delas, ser produtor. Para fazer um barco que veleje nessa vazante, é legítimo o saber local das comunidades em convergência com o global para produzir culturalmente.

1.2 Navegando pelas marés da pesquisa

A pesquisa de cunho qualitativo teve inspiração na metáfora da cartografia de Martin-Barbero (2004) como possibilidade de ampliar o movimento do olhar às novas descobertas e, pela metáfora, navegar pelas marés ou águas da pesquisa, permitindo-se ir à deriva, pois

[...] ao situar-se na encruzilhada de ciência com arte, a cartografia abriu-se a uma ambiguidade ilimitada, já que o que as tecnologias aclaram, no plano da observação e seu registro, é borrado pela estetização digitalizada de sua forma. (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 11)

Inspiradas pela metáfora do cartógrafo, “[...] além de mapas que desenham a terra descoberta se necessita de cartas de mar, ou seja, de navegação por mundos ainda ignorados” (id.ib., p. 383). Para isso, Martin-Barbero (id.ib., p. 10) “dá fio à trama”, às aventuras, à leitura do entorno e registro das cartas de navegação, como formas importantes de mergulho intelectual.

Seguindo esta lógica, levantamos práticas cotidianas de comunicação e de linguagem e o uso de mídias e tecnologias por um grupo de seis pescadores da praia de Pântano do Sul, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, remotamente conhecida como Arraial do Pântano do Sul (século XVII), considerada um dos principais núcleos de pesca artesanal da ilha. A pesca artesanal da tainha foi acompanhada entre maio e julho de 2012, com vistas a estudar as peculiaridades de comunicação e linguagem e a importância dessa atividade que é legitimada pela Lei nº 182/12, do deputado Edison Andrino (PMDB), que a integrou ao patrimônio histórico, cultural e artístico catarinense. (SANTA CATARINA, 2013).

Há registros de historiadores, navegadores e aventureiros que passaram pela ilha de que esta atividade era praticada por tribos indígenas no litoral catarinense desde 1526 (SANTA CATARINA, 2013). Da tradição indígena, entremeada à cultura açoriana, a pesca da tainha preserva traços e marcas que lhe conferem uma identidade cultural forte e, de outrora aos dias atuais, contribui para a subsistência de muitas famílias de pescadores.

Como instrumentos de coleta de dados utilizamos a observação e a entrevista. A observação foi desenvolvida de modo assistemático, por ocasião de

visitas à praia durante o período da pesca, para aproximação com seu sentido histórico. As conversas informais com o grupo possibilitaram apreender singularidades e singularidades de seus modos de vida, de comunicação, de linguagens e de sua cultura. Fomos autorizadas à divulgação dos registros das conversas e entrevistas na íntegra, identificados por seus nomes completos e apelidos. Todavia, optamos por apresentar fragmentos de suas falas, entre aspas e em itálico para diferenciar das citações de obras, seguidas das iniciais dos nomes, apelidos e idade.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas. O roteiro contou com questões objetivas, destinadas ao levantamento de informações para compor um breve perfil dos sujeitos e questões abertas para nortear o diálogo. Dos seis pescadores que participaram da pesquisa, cinco possuem o Ensino Fundamental incompleto, um possui o Ensino Fundamental completo e um possui o Ensino Superior incompleto. A idade varia entre trinta e sessenta e cinco anos, sendo que apenas um deles não reside desde o nascimento na praia de Pântano do Sul, mas nasceu em Florianópolis e reside no local há quarenta anos. Exercem a atividade de pesca por um tempo que varia entre dezessete e cinquenta anos. Apenas dois deles desenvolvem atividades profissionais paralelas à pesca. Levantamos também as principais mídias e tecnologias utilizadas por eles nas atividades cotidianas (familiar e de trabalho).

Na primeira etapa da entrevista conversamos coletivamente com os pescadores no Rancho da Mariposa, cedido pelo pescador E.E.C., o Didi. Um espaço bastante característico do lugar, São Bom Jesus de Iguapé é seu santo protetor; o rancho abriga embarcações e possui coisas curiosas como quadros e poemas fixados na parede, além de utensílios como balaio de palha, usado para carregar tainhas, dentre outros artefatos usados na pesca. O encontro foi um momento rico em trocas culturais e aprendizagens, por se tratar de um grupo de pescadores com idades, experiências e funções diferenciadas dentro da pesca. O patrão é o proprietário da embarcação; vigia ou olheiro é aquele que, no período da tainha, fica à espera de um sinal de cardume de peixes no mar para avisar os demais pescadores; os remeiros conduzem o barco a remo; e camaradas são os demais pescadores.

As conversas individuais aconteceram na segunda etapa da entrevista, algumas feitas no rancho citado, outras nas residências dos pescadores, em momentos em que estavam consertando ou confeccionando suas redes. O conteúdo das entrevistas foi gravado em áudio e transcrito no computador.

Assim, nos movimentamos

[...] em direção de uma lógica de cartografia que se torna fractal – nos mapas o mundo recupera a singularidade diversa dos objetos: cordilheiras, ilhas, selvas, oceanos – e se expressa textualmente, ou melhor, textilmente: em pregas e des-pregas, reverses, intertextos e intervalos. (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 12),

na busca dos processos de comunicação e de linguagem que se traduzem em letramentos midiáticos, acompanhando, de um lado, as transformações da cultura da convergência, e perpetuando, de outro, as tradições específicas do contexto e tradições locais.

1.3 Info-mar: cotidianidades de comunicação e de linguagem

Os pescadores são considerados neste texto, na acepção de Certeau (1998), como sujeitos que praticam o cotidiano. Eles declararam possuir tecnologias e mídias como cartão eletrônico, rádio, televisão, aparelho de CD e celular, os quais costumam usar nas atividades cotidianas. Alguns possuem também TV a cabo, computador e conexão doméstica à *internet*, fazendo uso destes últimos ocasionalmente ou por intermédio de membros da família.

Para Certeau (1998, p. 222), é possível apreender

[...] por detrás das portas das cidades, no próximo distante dos campos, [que] existam vastas pastagens poéticas e “pagãs” onde falem ainda os cantos, os mitos [...] Essas vozes não se fazem mais ouvir, a não ser dentro dos sistemas escriturísticos onde reaparecem. Elas circulam bailando e passando, no campo do outro.

A comunicação dos pescadores é tradicionalmente baseada em interações e mensagens veiculadas pela linguagem verbal oral (fala, grito ou “apupo”), linguagem verbal escrita (bilhete escrito etc.), e a não verbal, traduzida por símbolos e sinais (como abanar roupa – camisa, japonsa ou casaco; produzir

fumaça – branca ou preta; usar o apito; abanar uma bandeira; soltar foguete e bater o sino), traços culturais singulares.

Para comunicar que um cardume de tainha está se aproximando da praia, por exemplo, usam sinais e símbolos como: apupo, fumaça, foguete, apito, bandeira, sino etc. Isso, segundo os pescadores, varia de um lugar para o outro:

“Apupo é um som específico da pesca da tainha, o mesmo grito de guerra que se usa hoje úúú. ... e o outro jeito é abanar com uma roupa, com uma japona (branca é cardume pequeno e preta é cardume grande). O sino é usado como uma alerta à comunidade para dizer que o mar está grosso, de ressaca. Tem também a fumaça branca para dizer que o peixe está chegando para o cerco, cada praia tem os seus códigos.” (V.O.S., Parati, 45 anos).

Esses traços e termos característicos da oralidade legada pela cultura açoriana, e específica da pesca da tainha, estão presentes na fala cotidiana dos pescadores por meio do “apupo” ou grito dado para avisar que tem um cardume se aproximando da praia. Também aparecem no uso de termos como “camaradas” para designar os membros de uma mesma equipe de pesca, e outros específicos que aparecem nas falas dos pescadores como “mar grosso, abanar, japona, olheiro, vigia, lanço, ressaca, cerco, arrasto etc.”.

As práticas sociais de comunicação e de linguagem dos pescadores, como forças criadoras (BAKTHIN, 2011), também acompanham as mudanças decorrentes dos avanços no campo das mídias e tecnologias contemporâneas, entremeadas às experiências específicas da tradição local e necessidades cotidianas do contexto social e cultural em que se inserem.

“A rede é uma tecnologia. Uso o rádio e o celular. O rádio é importante para a comunicação sobre a própria pescaria no barco, com uma antena e uma bateria a gente conecta o rádio a bordo e fica interado das notícias. O telefone móvel (celular) já me ajudou muitas vezes para buscar recurso no meu trabalho, se fosse outra época não seria possível. Meu celular é bem simples, só faz o básico, uso também o telefone

convencional. Antigamente na navegação a barco de vela, o vento é que levava a embarcação, com o motor a navegação tomou outros rumos, mas por outro lado estamos propensos a passar por momentos críticos com problema no motor e precisarmos nos comunicar com alguém, seja pelo rádio px, que hoje é permitido em todos os barcos pequenos e também até onde pega sinal usando o celular, são tecnologias simples, o próprio governo oferece incentivos aos pequenos pescadores.”
(E.M.M., Chuchu, 59 anos).

Com as necessidades domésticas e do trabalho, há a integração de diversas mídias aos processos de comunicação e de linguagens pelo grupo de pescadores. Essas práticas são aprendidas geralmente com a família ou amigos (configurados como agências/agentes de letramentos) e preservam a cultura oral e escrita agregando as mídias digitais (visual, icônica, sonora etc.).

Dentre as tecnologias digitais mais usadas no cotidiano estão: o cartão eletrônico, para fazer operações bancárias e comerciais; a TV, para assistir jornal, reportagens, jogos, filmes e programas de entretenimento; o rádio, para ouvir jogo, notícias e músicas. O computador e a *internet*, que alguns possuem em casa, ainda são pouco usados em razão das habilidades requeridas para seu manuseio, mas é reconhecida sua importância para fazer pesquisas, ver a previsão do tempo e saber sobre o mar, a pesca, passeios, notícias, assistir vídeos, ler e acompanhar notícias que não são vistas na TV e, ainda, para ver se o mar está grosso e se não vai ter pesca. O uso do celular é unanimidade: para ver as horas, falar com as pessoas, tirar fotografia, gravar vídeos, armazenar músicas, avisar um camarada que o barco quebrou, avisar que vai ter arrasto de peixe etc.; carregam consigo, quando vão para o mar, embrulhados em saquinhos ou dentro de caixinhas para não molhar dentro da embarcação.

“Uso bastante o celular para falar com minha mulher, para tirar fotografia, armazenar músicas, gravar vídeos da pesca (mostra vários vídeos que fez das atividades relacionadas à pesca e dos peixes que consegue capturar e que armazena em seu celular).” (L.C.R., Gatanha, 30 anos).

Os significados dos usos efetivos das mídias e tecnologias na comunicação e linguagem, atribuídos pelos pescadores, estão ligados à mediação história do local, às práticas e aos meios por eles utilizados, elementos da cultura e das relações sociais que estabelecem no cotidiano. Por isso, para eles, a rede usada na pesca é uma tecnologia tão importante quanto as outras tecnologias e mídias usadas na vida cotidiana.

Na direção do sentido de tradição e inovação em Arendt (2003), ao mesmo tempo em que o grupo de pescadores usa o “apupo” para se comunicar e a rede de pesca como uma tecnologia “velha ou antiga”, busca navegar, ainda que lentamente, nas águas desconhecidas da “nova ou moderna” *internet*, mostrando a linha tênue entre tais noções. Tais práticas são demandas sociais que emergem no e do cotidiano desses sujeitos, em interação com outros grupos sociais, como aponta Arendt (2003, p. 71), “[. . .] forçando em suas velas o vento que flui livre e cruzando vagas constantemente encapeladas [. . .].” As resistências fazem perdurar as tradições, enquanto a inquietude, o balanço e o movimento da cultura buscam outros modos de acompanhar as inovações contemporâneas.

Um contexto social e cultural, para Jenkins (2009), comporta diversas práticas cotidianas de comunicação e linguagem e estas podem traduzir-se em diferentes letramentos midiáticos. Estes letramentos podem estar relacionados às estruturas culturais e dominantes de determinado meio (na cultura oral, escrita e digital). Assim, o letramento midiático é de algum modo apreendido em instâncias públicas, em casa, em uma *lan house* e com pessoas da família, amigos, conhecidos etc. Os sujeitos, pescadores, descrevem seus modos de apropriação, uso e consumo das mídias com adoção de novas práticas cotidianas.

“Há alguns anos tinha um ônibus que era uma sala de laboratório ambulante, ficava uns quinze dias ou mais em localidades da cidade e ficou um tempo em Pântano do Sul, mas eu não participei. Acho que era o básico de computação e internet. Nunca fiz curso, para usar o cartão eletrônico, por exemplo, quando não sabia pedia ajuda aos funcionários do banco. As outras coisas como rádio, TV, DVD e celular quando a gente começa a usar lê o manual. O computador e a internet a gente aprende usando, no começo alguém ensina uma ou duas vezes, daí em diante a gente passa a usar sozinho, basta

ter em casa; eu ainda não tenbo, mas na frente da minha casa tem uma lan house, só que tem que pagar para usar.” (G.G.R., Macarrão, 43 anos).

Do grupo de pescadores, apenas um fez um curso relacionado à informática básica, mas fora de sua comunidade, pois, segundo ele, na época estava cursando uma graduação e esse conhecimento lhe foi requerido. Os demais não tiveram acesso a cursos e também não se lembram da oferta de algum curso específico para pescadores. Aqueles que sabem usar computador e *internet* ressaltaram ter sido pelo contato e uso cotidiano junto à esposa, filhos e pessoas conhecidas, como práticas ativas de letramento midiático, colocando em dúvida a oposição popular e letrado, como bem defende Chartier (2002).

Ao encontro vêm as palavras dos pescadores, que mostram como percebem essa re(invenção) em suas vidas:

“Hoje tem muitas ferramentas novas e interessantes, pretendo desenvolver mais conhecimentos usando o computador e a internet, como usar software para coletar dados sobre a própria pesca artesanal, montar uma planilha com estes dados. Por exemplo, aqui em nossa comunidade não tem um banco de dados que as pessoas possam acessar o conteúdo, vejo o exemplo de minha filha que está na escola e se precisar pesquisar dados sobre a sua própria comunidade não vai conseguir porque ninguém coletou e nem armazenou estes dados.” (F.L., Fabinho, 37 anos).

É interessante notar que o depoimento apresenta uma profusão de termos das linguagens digitais: ferramentas, computador, *internet*, *software*, coletar, dados, planilha, banco de dados, acessar, armazenou, apontando para um movimento em direção a vivências que se mesclam e se entrecruzam com as linguagens específicas da pesca.

O grupo reconhece a velocidade das mudanças e inovações e considera que estas ultrapassam suas possibilidades de acompanhar. Por outro lado, não gostaria de ficar “apenas na praia”, mas adentrar ao mar de possibilidades da

internet, por exemplo, para o envio de *e-mail*, reservas de hotel, agendamento de passeios, compra de passagens, abertura de empresas etc.

No turbulento mar da transformação midiática, estão os movimentos e os tempos (“antigamente, hoje, o dia todo”), os fluxos e os sentimentos de acompanhar as mudanças contextuais, globais e locais (“no mundo, em nosso lugar”), propiciadas pelo conjunto de inserções tecnológicas e midiáticas (“é só acessar a *internet*”), em que as práticas e os meios estão imbricados. Nesse processo, é crescente a emergência de novas aprendizagens, novos modos de interação e participação dos sujeitos, que implicam dinamização da cultura, da comunicação e da linguagem. Esses aspectos estão em contato constante e em processo conflitivo, pois práticas letradas são práticas social e culturalmente situadas.

Essas questões históricas, segundo Canclini (2008, p. 236), são também “[...] configuradas por meio de diferenças culturais e desigualdades socioeconômicas e educacionais [...]”, e podem ser relacionadas também às lutas pelos letramentos midiáticos, conforme Jenkins (2009).

As lacunas em termos de acesso e distribuição de bens culturais e mensagens e também as contradições e desigualdades apontam para o papel da educação para diferentes segmentos da população, como o caso estudado, para que, além de consumidores, possam exercer práticas efetivas de letramento midiático como produtores de cultura.

Considerações finais: navegar por outros mares, nas redes da convergência midiática

As práticas de comunicação e de linguagem do grupo estudado foram analisadas sob a perspectiva do letramento midiático na chamada cultura da convergência (JENKINS, 2009), problematizando as implicações contemporâneas e o papel da educação. Dessa forma, com a pesquisa foi possível problematizar práticas cotidianas de comunicação e linguagem em um grupo de pescadores, homens que praticam o cotidiano, ouvindo suas vozes, dentro de uma economia escriturística (oral, escrita e digital), mediatizada por recursos tecnológicos e midiáticos.

Por meio de práticas sociais de linguagem como forças criadoras eles preservam traços culturais singulares dos modos de se comunicar e falar, carac-

terísticos da cultura açoriana e da pesca da tainha. E no movimento da vida apreendem habilidades práticas efetivas de letramento midiático, acompanhando as mudanças decorrentes dos avanços das mídias e tecnologias contemporâneas, entremeadas às experiências específicas da tradição local e necessidades cotidianas.

Pelas estruturas (culturais e dominantes) do meio em que vivem (cultura oral, escrita e digital) emergem sutilmente lutas pelo letramento midiático, e noções como popular e letrado, mudança e continuidade do legado cultural e histórico da pesca da tainha e suas linguagens. E ao mesmo tempo, a fluidez e o movimento para acompanhar as novas gerações, produzindo deslocamentos culturais.

Nas redes da convergência midiática também surgem questões conflitantes, decorrentes das condições de acesso aos meios, habilidades requeridas, interação e participação dos sujeitos na cultura, comunicação e linguagem, evidenciando que o consumo midiático e tecnológico pode ir além do uso, para exercerem práticas como produtores de cultura.

Tais apontamentos trazem à superfície questões relacionadas à distribuição de bens culturais e mensagens a grupos de culturas históricas, lacunas a serem preenchidas pela educação frente ao palco de conflitos, contradições e desigualdades para a concretização de práticas efetivas de letramento midiático a diferentes grupos sociais.

Nota

*Os resultados desta pesquisa foram originalmente divulgados em forma resumida no 2º Congresso de Literacia, Media e Cidadania, em Lisboa, Portugal, no período de 10 e 11 de maio de 2013.

Referências

APA, Wilson Rio. *O povo do mar e dos ventos antigos*: Os vivos e os mortos. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1989. Disponível em: <<http://www.tainhanarede.com.br>>. Acesso em: em 20 de junho de 2013.

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer a invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- GIL, Gilberto. Pela internet. In: _____. *Quanta*. Rio de Janeiro: Warner Music, 1997. Disco duplo. Disco 1, faixa 11.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SANTA CATARINA. Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Lei nº 182/12. Disponível em: <<http://www.agenciaal.alesc.sc.gov.br>>. Acesso em: 20 de junho de 2013.

recebido em 23 set. 2012 / aprovado em 27 out. 2013

Para referenciar este texto:

SOUZA, T. F. M.; CRUZ, D. M. Letramento midiático e a (re)invenção do cotidiano por um grupo de pescadores. *Dialogia*, São Paulo, n. 18, p. 29-42, jul./dez. 2013.